

De Caboclo e poesia

From Caboclo and poetry

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2022v40n84p15-17>

BENÉ FONTELES

do sertão baiano em 22 de julho de 2004

ao compadre Carlos Rodrigues Brandão

AQUI O MELHOR É ANDAR DANDO PLANURA AS ASAS.

Melhor ainda: usar da imaginação sem sossego e arrevirar a alma do avesso pra chegar mais depressa no viés do sentimento e mais longe do que oferece as manhas do destino.

Mas aprendi a enganar esta realidade miudinha de todo dia com as coisas simples da minha humilde poesia. Por isso, saio matutando com o pouco que sei rabiscar na brancura dos cadernos que consigo sem pautas. Por que seu moço, não sei escrever nem obedecendo as linhas, quanto mais regras, e, muito menos alguém me dando mote ou pedindo pro mode eu inventar de novo a vida que é função principal da poesia.

Eu só sei é que ela vem pra mim de sobressalto, como quem pulando a cerca não sabe ainda o gosto do furto e quer mesmo é assentar na égua do perigo.

Poesia vai invadindo tudo e eu tomado de mim e além deus mesmo, vou deixando insistir cada tantinho de idéia vesga transbordando como rio que não carece mais de margens e vai pra onde quer absoluto.

Andaram me perguntando o que é a tal da poesia e por que ela assenta soberana assim na vivência da gente que não dá lugar a mais nada e que não desgruda nem na hora das necessidades brutas.

Mas não sei mesmo responder e desvendar o danado do mistério que só existe na ciência do maravilhoso na imaginação da gente. Ela tá lá, instalada e paciente

de bote esperando serpente a presa da novidade e o prazer do instante de revelar e recriar a existência.

E se eu soubesse mesmo o que ela seria, não poderia nem ter da ousadia de quase que pegar nela como muitas vezes sinto. E é aí que me dá um arrepio na espinha como se tivesse sentindo gente sem corpo e com a água da emoção a verter dos olhos como se tivesse dom de nascente.

E ainda tem gente seu moço, que depois de tudo isso e do misterioso dos planos do Divino, ainda quer argüir pra que que serve esta tal de poesia pertencida somente ao mundo do sentir e do sem propósito.

E eu respondo logo de sopetão que já tem muita coisa neste mundo com utilidade garantida. Carece então que alguma coisa não sirva mesmo pra nada, ou, que seja só pro mode dar carinho manso nas costas do juízo pros sentidos afinarem os rumo.

Também, que existam coisas que a nada respondem ou perguntam além do imaginado, ou ainda, que queiram viver somente pra não serem possuídas por nada e entendidas como certezas e verdades absolutas.

Poesia no meu humilde compreender, é não ter certeza de coisa alguma. E ter até poder que nenhuma matéria consegue obrar: reluzir onde não há nem matéria pra ver e tocar.

Poesia dá de comer ao imaterial pra rebuscar o simples no fundo do poço das coisas complicadas da vida, e, mostrar graciosa, ela, de novo com outra cara intuída de singelezas no meio dos verbos mais inesperados da incerteza.

E no meio dos aprendizado da solidão que já é este sertão só, quando ela nos abraça fria e profunda, vem aquela sensação de sofrer de poesia. Um mal que alastra pelo corpo e queima o invisível da alma. E só alivia quando se passa a pomadinha das benditas palavras auxiliada pelas tal das metáforas e com elas se descobre as coisas mais escondidas da consciência.

Descobri que poesia é quase perto da loucura daquela de dar vontade de cardar nuvem, fazer tecido de vento, vestir mulher nua com brilho de orvalho e dar carnacão a matéria dos sonhos para gente viver no real a força doidinha da imaginação.

Por isso eu descobri que quem não tem sofrer de poesia, acaba comum, um qualquer com a alma perecendo à míngua de uma sede que não tem tamanho e que não a água e benzeção que cure.

A poesia seu moço, por isso, incraquelou assim de vez e com qualidade em mim e fez-se antiga, amiga e amante de todas as horas. Mais ainda nas de aperreio,

e nelas, montou-se de vigília. Encangou na minha lida e alma sem mais por que e nem como. Tá ali dando brilho largo ao pouco da existência.

O consolo, é que não há mais como fugir de mim procurando outro que à mais lhe ame.

É já do impossível traí-la com outra força de linguagem por que ela já está no corpo de tudo que empenhei na vida.

Eu apenas a verto como quem é fonte e compartilha água para não secar a abundância. Também, dou vastidão e ela com as mesmas manias que o horizonte gosta, e a glosa em minha sina, por que a mereço.

O meu rio no dentro não é raso
Afundou-se no raro
Descobre-se sozinho
Infinitou as margens
Tem pertencimento a peixe quando é nada
Quando nada pensa na água que é o todo e é vazio.

Meu rio
Não meu rio
Nem o mesmo de Heráclito
Não o mesmo rio que ontem nos aguou
Nem mesmo o diferente de hoje
e não terá futuro que o faça desaguar no mar...

Meu rio já foi de tantos e será de todos
quando de amar e mais
o mais raro e o mais profundo
for menos meu
e mais vasto
pro que há no mundo.

Bené Fonteles
ao Velho Chico cruzando ele pelo sertão baiano em julho de 2004